

A forma de vida e os exercícios éticos da experiência de si: da Antiguidade ao PensArteCorpo¹

Ursino Neto

Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida.

(Michel Foucault)

É preciso que incessantemente se excedam a si mesmos.

(Friedrich Nietzsche)

À medida que alguém devém, aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio.

(Gilles Deleuze e Claire Parnet)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico-filológico do conceito de ética
- 3 Os exercícios éticos da Antiguidade, o “momento cartesiano” e o “tornar-se o que se é”
 - 3.1 Os exercícios éticos da Antiguidade
 - 3.2 O “momento cartesiano”
 - 3.3 O “tornar-se o que se é”
- 4 PensArteCorpo: um exercício ético contemporâneo ou a invenção pela arte como experiência de si
- 5 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Os exercícios éticos são relativos ao *Ethos*. Aqui, se compreenderá ética como o saber concernente a tais exercícios.

Eles são identificados por intermédio de diversas atividades enfocando diferentes conteúdos de acordo com a época histórica, com o seu proponente, com a corrente de pensamento na qual se insere e até do intérprete que estabeleceu a nomenclatura deles para a posteridade.

Desde os primeiros registros encontrados entre os escritos da Escola de Pitágoras e na difusão deles, por meio do chamado “movimento pitagórico”, essas experiências tinham a intenção de estimular o indivíduo na busca de tornar-se melhor e de adquirir sabedoria de vida.

A tradição filosófica da cultura ocidental dos exercícios éticos teve início com a problematização socrática na Grécia clássica.

Sócrates questionou um preceito da sua cultura: o “conhece-te a ti mesmo” (em grego, *gnôthi seauton*; em latim, *nosce te ipsum* ou *temet nosce*).

¹ Texto Encontro 4 (Graduação 2021.2): uma referência para produzir o exercício ético da experiência de si ou PensArteCorpo.

Para ele, o “conhecimento” para avaliar a vida do ser humano era referente ao autoexame da alma.

Michel Foucault interpretou a mudança paradigmática de valor (significado e sentido) inaugurado pelo pensamento socrático, compreendendo-o como um cuidado de si, um exercício ético, também aqui denominado de uma experiência de si.

A sua pesquisa, substrato do Curso ministrado no Collège de France no período de 1981-1982, posteriormente, publicada como livro², explora de partida a expressão em grego *epiméleia heauton* (cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo)³.

No decorrer da história, a lista dos exercícios éticos é extensa: “conhecimento de si”, “cuidado de si”, “exercício espiritual”, “prática de si”, “técnica de existência”, “tornar-se o que se é” etc.

Eles perduraram com destaque no Ocidente por aproximadamente um milênio quando declinaram para um papel secundário na Idade Média até o oblívio e quase desaparecimento durante a Modernidade com a ruptura efetuada pelo “movimento cartesiano”.

O filósofo francês considerou esses exercícios como sendo um dos principais vetores da construção da forma de vida, do processo de subjetivação, da constituição da figura do sujeito na cultura ocidental.

Outro autor relevante na investigação da temática é o filósofo historiador Pierre Hadot, também docente do Collège de France. Ele iniciou o primeiro capítulo do seu livro clássico⁴ analisando porque escolheu a expressão “exercícios espirituais”.

Em primeiro lugar, justificou a recusa de nomes como “moral”, “intelectual” ou de expressões como “do pensamento”, “da alma” para qualificar a palavra “exercício”, pois estes termos não atingiam plenamente o fenômeno que ele pretendia estudar.

Hadot reconheceu a assertiva do nome “ético”; entretanto, por fim, optou pela palavra “espiritual” porque ela permitia-lhe interpretar os tais exercícios não como um produto somente do pensamento; mas, sobretudo, da totalidade psíquica do indivíduo, incluindo imaginação, sensibilidade e vontade.

O exercício espiritual abrangia e articulava quatro temas interligados: aprender a ler, aprender a dialogar, aprender a morrer e, sobretudo, aprender a viver.

Atualmente, para se compreender a real dimensão do conceito de exercício ético como uma experiência de si na Antiguidade é necessário interpretá-lo como um “processo de conversão” em que alguém se despojava do apego a objetos exteriores e dos prazeres proporcionados por eles.

Tal processo era conhecido como *askésis* (tradução do grego, ascese), sendo um método de observação interior permanente e de domínio de si mesmo com a intenção de encontrar a felicidade na liberdade que o exercício proporcionava.

Ao longo do tempo, o principal exemplo de exercício ético, o cuidado de si, passou a ser interpretado como um conhecimento de si e o seu saber também se transformou, dirigindo-se para outras referências distintas daquelas de outrora.

Ao “momento cartesiano”, fenômeno ocorrido entre os séculos XVII e XIX, se atribui a principal responsabilidade por tal alteração ao determinar a hegemonia da corrente de pensamento denominada racionalismo.

Como se sabe, os questionamentos a esse modelo de pensar foram iniciados na própria Modernidade. Eles incidiram tanto sobre o processo de conhecer quanto sobre os limites da natureza peculiar do agente do conhecimento.

Em suma, o fato relevante, o valor do acontecimento histórico extraído do conceito de “exercício ético” é a relação estabelecida entre um saber, no caso, a ética ou o saber do *Ethos* e a própria experiência de vida de quem o pratica.

² Cf. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

³ Em latim, o termo é *cura sui* (cuidar de si).

⁴ Cf. HADOT, P. *Ejercicios espirituales y filosofía antigua*. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

A pesquisa aqui realizada apresenta como referência a seguinte problematização: qual o valor e as implicações dos exercícios éticos na Antiguidade? Por que eles quase foram extintos com o advento da Modernidade? Qual a relevância da crítica do ‘tornar-se o que se é’? Qual a condição possível para se vivenciar um autêntico exercício de experiência de si atualmente? O PensArteCorpo se expressa como um deles no século XXI?

O objetivo do texto didático é estudar o histórico dos exercícios éticos para compreender o valor do PensArteCorpo como um exercício de experiência de si contemporâneo oportunizado pela bioética denominada de *ética-da-vida* ou *aionética*.

2 Resgate histórico-filológico do conceito de ética

O conceito de ética é oriundo da cultura grega clássica e está circunscrito ao campo da transliteração de dois substantivos: *ēthos* (ἦθος – com a vogal inicial *eta* [η]) e *ethos* (ἔθος – com a vogal inicial *epsilon* [ε]).

As duas grafias quase homófonas e homógrafas existentes no grego originaram linhas de pensamento ou eixos de interpretação distintos.

O primeiro termo *ēthos* significava, no grego arcaico, um local de abrigo, uma habitação tanto do homem (casa) como de animais (estábulo).

A partir do século V a.C., com a elaboração do pensamento filosófico sobre a condição humana, o vocábulo adquiriu o valor de “abrigo interior”, ampliando a sua semântica para indicar o caráter do indivíduo, a sua peculiaridade, o seu modo de ser, relacionando-se com a sua forma de vida.

Didaticamente, ele será grafado daqui em diante com o **E maiúsculo** (*Ethos*).

Já o segundo *ethos* se referia ao comportamento humano do hábito. Este, geralmente, associado a uma diretriz orientadora do costume, isto é, um componente, um traço característico da cultura que se fará um pertence do próprio indivíduo por meio do ato repetitivo e, “naturalmente”, internalizado pela educação e regido pela determinação ou, antes, pela imposição da lei, da regra, da norma, do código etc.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discípulo de Platão (428 a.C.-348 a.C.) por vinte anos, foi o filósofo responsável pela sistematização do conhecimento relativo ao campo temático em estudo⁵.

Atenção para os seguintes pontos:

A filosofia grega clássica compreende como polos que se conjugam para expressar o “campo da ética” ou “fenômeno ético” os dois substantivos (*Ethos* e *ethos*), interpretando-os como conceitos integrados e inter-relacionados.

A língua grega é constituída de declinações e as palavras mudam a sua estrutura de acordo com a função na frase, também chamado caso: nominativo, genitivo, acusativo, dativo etc.

O substantivo indica o caso nominativo e, a partir dele, se constituem os outros termos funcionais da frase, dependendo da sua aplicação no contexto, isto é, quando se trata de objeto direto, de objeto indireto, da designação da origem ou do pertencimento etc.

Exemplificando com o substantivo *ethos*, de cuja raiz (*eth*) deriva termos com a desinência terminando em *iká* ou *iké*, como nas palavras *ethiká* ou *ethiké* que são qualificativos.

Assim, tais palavras gregas quando traduzidas para o português, dependendo do contexto da frase, são interpretadas como adjetivo ou complemento nominal.

Em grego, o “fenômeno ético” é designado no caso genitivo.

Ou seja, trata-se de uma declinação, um caso gramatical indicando uma relação de pertencimento, de posse ou de origem.

⁵ Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

O primeiro *Ethos* indica um pertencimento à interioridade (*genitivo subjetivo*) e o segundo *ethos* designa um pertence da exterioridade (*genitivo objetivo*).

Tal declinação não existe na língua portuguesa; entretanto, o seu correlato de significado se expressa por intermédio das preposições *de*, *do(s)* e *da(s)*. Exemplos: o livro de Eli, a ética-da-vida, o cuidado de si, os PensArteCorpos das Equipes etc.

A concepção grega filosófico-linguística de *Ethos* e *ethos* foi traduzida em torno do século I a.C. para o latim (há relatos indicando Cícero, filósofo e político romano, como o tradutor do livro *Ética a Nicômaco* naquela época) que, sendo também uma língua com declinações, a incorporou em seus próprios casos. Exemplos: *mos*, *mores*, *moris*, *moralia* etc.

Esta é a explicação, a justificativa de se encontrar nas línguas neolatinas, como o português, a palavra moral que, óbvio, não é grega.

Os dois termos ética e moral são utilizados nas línguas contemporâneas; entretanto, às vezes, de modo confuso ou incoerente.

Na língua portuguesa, o substantivo moral é antecedido por artigo ou preposição para designar as diferentes acepções dos substantivos gregos *Ethos* e *ethos*.

De acordo com Cesar Candiotto⁶, o pensamento filosófico inventou um artifício para abrigar e respeitar a distinção entre ética e moral.

O substantivo grego *Ethos* (caráter, modo de ser, singularidade subjetiva) tornou-se a referência para interpretar o que se designa como ética; enquanto, o outro *ethos* (costume, hábito social, código comportamental) ficou relacionado com a moral.

Para melhor compreensão didática e usando termos atuais, se diz: o *Ethos* concerne à subjetividade, à condição interior individual, à singularidade do ser humano.

Enquanto o *ethos* se refere à exterioridade social, aos costumes da cultura, aos hábitos, às normas, às regras, aos códigos que regem o comportamento de uma pessoa, de um grupo ou de uma comunidade.

Portanto, embora os dois étimos possibilitem a interpretação de significados diferentes, para nós, o fenômeno ético ou o campo da ética é o conjunto que os entrelaça.

3 Os exercícios éticos da Antiguidade, o “momento cartesiano” e o “tornar-se o que se é”

Segue uma breve narrativa expondo o percurso dos exercícios éticos na cultura ocidental para se compreender o papel do PensArteCorpo no presente.

3.1 Os exercícios éticos da Antiguidade

Para os gregos, o saber que os moldava enquanto humanos expressava o seu autêntico valor na intenção de buscar e viver uma sabedoria de vida, manifestando mais do que a dimensão cognitiva de um plano conceitual lógico porque eram gestos, atitudes para consigo, para com os outros e para com o mundo.

Tal saber era uma “cultura de si” (hoje, para nós, se chama ética) e era adquirido na atividade, na vida cotidiana, no exercício cuja referência se encontrava na dimensão da “espiritualidade” ou do “cuidado”.

O estudo de Michel Foucault perfilou a “cultura de si” em um trajeto compreendido da filosofia grega clássica (século V a.C.) até o período helenístico-romano (século V d.C.), quando ela perdeu paulatinamente relevância e espaço para o ascetismo católico.

A partir do texto *Apologia de Sócrates*, o filósofo francês estudou a obra de Platão. Nela, realizou uma análise primorosa do livro *Alcíbiades*, modulando o cuidado de si como um preceito de vida que se estende ao estoicismo romano, destacando Sêneca com o texto *Cartas à Lucílio* e Marco Aurélio com o livro *Meditações*.

⁶ Cf. CANDIOTTO, C. (Org.) *Ética: abordagens e perspectivas*. 2ª ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

Para Foucault, a “cultura de si” implicava um conjunto de atividades sintetizadas pelo termo *áskesis* (ascese).

Para a Antiguidade, o que significou a *áskesis*?

Em suma: a “produção da verdade” colocando em questionamento a relação entre o conhecimento e o indivíduo na sua perspectiva de desvelar “o que fazer dele mesmo”.

A *áskesis* preparava o ser humano para os acontecimentos da vida, ou seja, o munia com um instrumental útil para ser empregado no futuro em situações nocivas quase sempre imprevistas.

Tal preparação era constituída de “discursos verdadeiros” que o homem endereçava a si mesmo transformando o seu pensamento (*lógos*) em um modo de ser (*Ethos*), em uma forma de vida (*bíos*).

Em grego, esses discursos compunham uma espécie de manual de instruções chamado *paraskeuê*.

Quando a Igreja católica romana tornou-se hegemônica, apropriou-se do conceito original de *áskesis* do pensamento filosófico e o submeteu ao seu próprio ditame teológico.

Com isso, a concepção grega foi alterada, pois a ascese religiosa tinha um objetivo distinto: alcançar a salvação em outro mundo, naturalmente, após a morte.

O professor e filósofo francês Frédéric Gros, em um artigo muito interessante, sublinha na pesquisa de Foucault a “história das *técnicas* de subjetivação, história do *olhar* a partir do qual eu me constituo para mim mesmo como sujeito”⁷.

Na interpretação de Gros, a análise foucaultiana destaca “de um lado, o sujeito moral e de outro, o eu ético”.

O “sujeito moral” é um ente dividido, substancialmente fragmentado. Aquilo que o faz apartado dele mesmo é um conhecimento de cognição inacessível.

Já o “eu ético” não se encontra cindido, mas simplesmente “defasado” devido a um deslocamento entre si e si mesmo. Este movimento é a obra de vida a ser realizada.

A oposição entre eles se expressa em duas interrogações que se contrapõem: “quem é você?” e “o que você está fazendo de sua vida?”.

A interrogação sobre quem você é se imbrica a outro questionamento: “quem sou eu?”. Para Foucault, esta questão é derivada da relação instaurada nos primeiros mosteiros cristãos entre o “diretor de consciência” e o “seu dirigido”.

No entanto, o problema “o que você está fazendo de sua vida?” é autenticamente grego indicando um projeto possível de emancipação, pois o que nos aprisiona é a busca de uma identidade que, por princípio, já nos fixa em um dispositivo de obediência a uma verdade determinada por outrem (confessor religioso, médico, professor, psicólogo etc.) que se impõe como um agente do biopoder.

Um esclarecimento derradeiro: há um valor comum agregando as atividades designadas de exercícios éticos na Antiguidade.

O conjunto delas se move pela compreensão de que a sabedoria de vida não se atinge somente pelo pensamento ou pelo discurso filosófico, é necessário o gesto, a ação, a vivência que justifica e autentica a forma de vida.

Ou nas palavras de Pierre Hadot: “*supone una manera de estar en el mundo, una manera que debe practicarse de continuo y que ha de transformar el conjunto de la existencia*”⁸.

Em síntese, por intermédio do exercício ético, o indivíduo desenvolvia uma metamorfose de si, observava-se para acompanhar o movimento da sua atitude com a intenção de adquirir o domínio sobre si mesmo.

⁷ Cf. GROS, F. *O cuidado de si em Michel Foucault in* Figuras de Foucault. (Orgs.) Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 28.

⁸ Cf. HADOT, P. *Idem*, p. 236.

Assim, ele encontrava a felicidade na independência interior, despojando-se do apego a coisas externas e a prazeres sensuais. Isso lhe proporcionava liberdade.

3.2 O “momento cartesiano”

Michel Foucault problematizou o motivo pelo qual a experiência ética dos antigos foi paulatinamente perdendo força na cultura ocidental, tendo sido esquecida e praticamente desapareceu a partir da Modernidade.

A sua hipótese é associada à eclosão do que ele próprio colocou entre aspas: o “momento cartesiano”.

Trata-se de um acontecimento produzido entre os séculos XVII e XIX, associado ao nome do filósofo René Descartes⁹, mas não imputado somente a ele.

O advento da Modernidade fez emergir a força hegemônica da filosofia da razão e com isso se impôs na linguagem termos técnicos como sujeito, objeto, consciência e até a palavra “eu” (em latim, *ego*) adquiriu um novo significado.

Assim, a partir do racionalismo foi estabelecida uma mudança paradigmática de valor no domínio do que se chama hoje subjetividade.

O motivo foi atribuído ao poder do então incipiente método científico de interpretar a realidade associando dois conceitos: o *ego* (o “eu”) e o pensamento.

O *ego* como o sujeito da racionalidade reflexiva assumiu a garantia daquilo que outrora era o autoexame de si mesmo, o conhecimento relativo à própria alma ou o cuidar de si socrático.

Em outras palavras, a constituição do sujeito (como “consciência psicológica” ou *self-central*) foi determinada, pautada na concepção lógica cartesiana e inserida em uma linguagem científica capaz de explicar a verdade do objeto; no caso, o próprio “eu”.

O “eu” pensava, refletia em sua alma, em seu espírito, em sua mente o mundo ordenado pelos signos da realidade, sendo capaz de descobrir as leis da Natureza ou do próprio real.

A representação das coisas pelo pensamento passa a constituir o protótipo, o modelo do novo processo de conhecer que se denominará ciência, em cujo procedimento se destaca a relação entre o sujeito (*sub-jectum*, o que subjaz, o substrato, a base, o suporte) e o objeto (*ob-jectum*, o algo declinado, “caído” ao lado do substrato e que será analisado produzindo o conhecimento).

A partir daqui se instaura o campo relativo à subjetividade humana expressando uma característica relevante da era moderna: o conceito de consciência de si, isto é, a ação reflexiva do agente que se apropria dos seus atos, almejando-se livre e autônomo.

Esta é a chave para a compreensão da principal força responsável que substituiu o cuidado de si pelo conhecimento de si: o modelo de pensamento que se chamou filosofia do sujeito.

Quando Michel Foucault abordou a desqualificação do cuidado de si, ele introduziu na análise o termo “espiritualidade”.

Esclarecendo: a filosofia grega clássica interrogava o discurso (*lógos*) que permitia ao indivíduo ter acesso à verdade, exigindo dele, no entanto, uma condição necessária para atingi-la.

Os exercícios de experiência de si se constituíram como esta condição: um recurso para explorar a experiência individual intrínseca por intermédio da purificação, da renúncia de si, da conversão do olhar, da modificação da existência etc.

Claro, tudo compreendido na expressão do conceito de *askésis*.

Como naquele período histórico ainda não existiam as palavras sujeito, subjetividade ou consciência (somente cunhados na Modernidade), o étimo encontrado por Foucault para

⁹ O termo Descartes é oriundo do latim *Cartesius*, daqui se deriva “cartesiano”.

designar a sua interpretação foi “espiritualidade”; aqui, obviamente, influenciado por Pierre Hadot (“exercícios espirituais”).

Sintetizando com suas próprias palavras: “Durante toda a Antiguidade (para os pitagóricos, para Platão, para os estoicos, os cínicos, os epicuristas, os neoplatônicos etc.), o tema da filosofia (como ter acesso à verdade?) e a questão da espiritualidade (quais são as transformações no ser mesmo do indivíduo necessárias para ter acesso à verdade?) são duas questões que jamais estiveram separadas”¹⁰.

Agora se torna transparente aquilo instituído e determinado pelo “momento cartesiano”: a redução das experiências de si somente à dimensão racional do sujeito que pensa.

A história a partir da Idade Moderna adquiriu outro rumo com o racionalismo e o método científico que restringiram o acesso à verdade ao próprio conhecimento e somente por intermédio dele.

Em outras palavras, a partir da Modernidade não é mais necessário para o indivíduo ter o seu ser transformado (pelo exercício ético antigo), modificado ou alterado, pois agora ele é capaz, em si mesmo, em sua consciência e só por seu ato de conhecimento cognitivo, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso.

Assim foi estabelecido o binômio sujeito-objeto como uma “fórmula mágica” de método: o sujeito é a garantia de verdade do objeto.

Portanto, aceder ao platô da verdade unicamente pelo método científico é o ponto de inflexão na cultura ocidental que instaurou a supremacia de um saber – a ciência.

A ciência se tornou o *saber-poder* hegemônico e, por seu intermédio, a implantação do biopoder foi realizada (como se estudará em texto didático adiante).

Qual a condição possível para se resgatar e vivenciar um autêntico exercício de experiência de si no contemporâneo?

A resposta sem tergiversações exige um pressuposto: a condição só se torna possível hoje se superarmos as consequências do “momento cartesiano”.

3.3 O “tornar-se o que se é”

Friedrich Nietzsche foi avesso à soberania racionalista do século XIX. Ele produziu o ‘tornar-se o que se é’ como um pensamento crítico antagônico àquela hegemonia.

Nietzsche ao desenvolver a sua interpretação, ultrapassou o conceito tradicional de consciência psicológica elaborando uma “desconstrução da subjetividade moderna”¹¹.

Inspirado em Píndaro 518 a.C. (?) – 438 a.C. (?), um poeta grego da época clássica, o filósofo alemão destacou o verso *genoi hoios essi mathon*.

Para apreender o sentido originário, Nietzsche cunhou a frase “como alguém se torna o que é” e a empregou em diferentes momentos da sua trajetória intelectual e literária, indicando por meio de diversas expressões um mesmo direcionamento: “descobrir-se a si mesmo”, “buscar a si próprio”, “fazer-se a si mesmo” ou “conhecer-se a si mesmo”. Tal perspectiva se insere no campo da educação ou da formação humana¹².

No texto *Ecce homo*¹³, Nietzsche comentando outro livro seu, *Assim falou Zaratustra*, expressou uma compreensão sintética de homem como “algo informe, um material, uma pedra feia que necessita de escultor”.

Dali segue que o ‘tornar-se o que se é’, ou seja, o fazer-se a si mesmo, o produzir a sua própria forma é um poder, uma prerrogativa, uma primazia do homem em relação aos outros

¹⁰ Cf. FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 17.

¹¹ De acordo com Michel Foucault, essa desconstrução foi elaborada pelos “mestres da suspeita”: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud.

¹² Cf. DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 12.

¹³ Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

seres vivos, pois ele é, ao mesmo tempo, o elemento originariamente indeterminado, ou seja, o húmus, a argila e o escultor que conforma essa matéria.

Entretanto, do original grego, *genoi hoios essi mathon*, ele não traduziu a palavra *mathon* (aprendido) que alude ao contexto de aprender, de aprendizagem ou do aprendizado.

A frase completa do poema deveria ter sido transcrita assim: “Tendo aprendido [o conhecimento sobre si], se torne como você é”. Aqui se exige uma pesquisa atenta para interpretar a intenção deliberada dele de omiti-la.

O pensamento nietzschiano é uma crítica à filosofia do sujeito. Ele considerava um equívoco a afirmação do pensamento filosófico tradicional estabelecendo a formulação do eu como o substrato da subjetividade ou da consciência.

Para o filósofo andarilho, o eu é uma ficção. Um integrante da estrutura gramatical para designar e sobrelevar o agente da ação.

Sendo assim, o ‘tornar-se o que se é’ não concerne à consciência ou à noção de sujeito, mas àquilo que se inventa.

E o que seria este algo inventado? Uma substância, uma essência, ou o quê?

Seguindo a trilha de Heráclito, mas com uma inovação marcante, Nietzsche trouxe para a cultura ocidental uma nova filosofia.

Tudo está em devir, logo em permanente extermínio; entretanto, algo permanece, apesar da destruição: o que devém, ou seja, o ato inventivo. Assim, sendo o próprio homem invenção, ele devém.

Qual a origem dessa invenção? O desejo da eternidade, do ser em permanência ou o desejo do novo, do futuro, do *vir-a-ser*, do devir?

A solução nietzschiana não é disjuntiva - ou isso ou aquilo -, mas abrangente: uma ação inventiva contínua imprime ao devir o caráter de ser, em outras palavras, o que se inventa é o ser do destino, o ser do seu próprio alcance.

Por conseguinte, se abre outro signo do si mesmo, não mais um ser imóvel, permanente (originário de Parmênides, Platão etc.); porém, outra perspectiva emerge com o ‘tornar-se o que se é’ porque desta expressão eclode agora um novo significado: o sinal de um deslocamento, de uma passagem, de um poro, de uma dinâmica, de um fluxo, de uma relação entre forças, entre potência e ato.

Assim, daqui eclodiu um novo valor: aquele/a que se inventa, ele/a mesmo se torna o presente.

Exposto o cerne da crítica, se retorna à interpretação do pensamento original grego: *genoi hoios essi mathon*.

Esta frase poderia ter sido traduzida e compreendida como “conhece-te e torna-te o que tu és”. Ora, aqui o “conhece-te” é proveniente de um “conhecimento” que estabelece um ser com uma essência determinada, uma substância mensurável em sua consistência gerando um “tornar-se” que é a consequência direta e objetiva do “conhecimento de si”.

Agora se vê com lucidez a superação realizada pelo pensamento de Nietzsche sobre a ontologia ortodoxa (o modo tradicional de interpretar o que é o ser) e sobre a filosofia do sujeito a partir da sua crítica ao conhecimento de si.

O salto se dá também sobre o pensamento racional-etiológico quando afirma: tudo tem uma causa e um fim, isto é, a realidade é um fenômeno resultante de uma causa com um efeito direcionado para uma finalidade.

Há coerência no filósofo alemão quando interpretou o ‘tornar-se o que se é’ como uma dimensão do ser humano que se destrói e se constrói coetaneamente no movimento de viver a realidade, de compartilhar o mundo e, principalmente, quando faz a experiência de si como uma vivência.

Para ele, o “si” é uma força mantendo a composição do corpo em unidade aberta, Nietzsche o denominou de *Selbst* (em alemão, traduzido como *Si-mesmo*).

Para sintetizar, se compreende o ‘tornar-se o que se é’ como um projeto de ultrapassagem do conhecimento de si e da subjetividade moderna, desvelando a oportunidade

para se superar as consequências nefastas do “momento cartesiano” e se possibilitar o PensArteCorpo como um exercício ético para o século XXI.

4 PensArteCorpo: um exercício ético contemporâneo ou a invenção pela arte como experiência de si

Tendo o ‘tornar-se o que se é’ ultrapassado as implicações danosas do “momento cartesiano” relativas ao encarceramento do sujeito; então, se põe a perspectiva de considerá-lo referência para um exercício ético contemporâneo.

Inicialmente, é necessário interpretá-lo como um projeto de formação humana em simbiose com a vida porque a experiência de si é uma vivência.

Ao resgatar a perspectiva nietzschiana, se deixa patente a interpretação característica da vida como uma forma ou expressão de crescimento da potência dela própria, a biopotência.

A vida é movimento, energia, vontade de expandir, poder de criar, de crescer, de vencer as resistências. Isso é o que a impulsiona: um valor intrínseco (como se estudará em texto didático adiante).

Em resumo, se afirma: viver é vontade de *vir-a-ser*; logo, uma força de invenção. Entretanto, não há ato inventivo sem destruição porque inventar, criar, dar a forma é como esculpir e neste processo se inclui o destruir.

Então, agora se põe um questionamento essencial: para se desconstruir o “eu” se busca alicerces em quê?

A resposta tradicional manifesta o fundamento do conhecimento de si ou do autoconhecimento estudado na psicologia ortodoxa cuja garantia da verdade é a filosofia do sujeito amparada na racionalidade técnico-científica.

Eis o equívoco da tradição, pois tal racionalidade não pode esgotar todo o conhecimento possível sobre o homem. Há um enigma do humano pertencente a uma fronteira indiscernível - o ‘si’.

Este ‘si’ é desconstrução e invenção ao mesmo tempo e se relaciona com o *self autobiográfico*¹⁴ como uma atividade da “consciência meta-fenomenal” que não é objetificada, tipificada, identificada em uma classificação.

Para nós, a invenção de si não é balizada pelas condições do conhecimento da razão; mas, se requisita outra condição indispensável: a dimensão fisiológica como plenitude.

Na invenção de si, é necessário viver um estado de embriaguez imanente ao próprio prazer da vida, à paixão da vida que se vive.

Este é o *amor fati* nietzschiano: o amor ao destino inventado na própria invenção.

Agora se esclarece o motivo pelo qual na *ética-da-vida* ou *aionética* se exige o *amor fati* como um valor de dupla face que ao desconstruir o “eu” se põe a inventar o si.

Como se sabe, poder e saber são congeminados, co-originários, entrelaçados em *poder-saber* ou *saber-poder*.

Então, coerentemente se afirma: na vida, a biopotência é um poder que desconstrói; porém, ao mesmo tempo, dela se origina um saber, cujo poder é sabedoria.

A bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* não se constitui como uma filosofia do sujeito, mas como uma sabedoria, uma abertura para o caminho que nos torna autenticamente humanos.

O exercício ético da *ética-da-vida* ou *aionética* é o PensArteCorpo. Ele não se pauta no método científico, pois não caracteriza o si como um objeto da consciência psicológica.

Nele, o si não é o ser, o si não é o *ego*; o si é a vertigem da imanência, o si é o *pasearse*¹⁵ como um movimento próprio da vida.

¹⁴ O estudo do conceito de *self autobiográfico* será destaque em texto didático posterior.

¹⁵ Verbo reflexivo espanhol originário do latim que foi empregado por Espinosa para designar uma manifestação do ser imanente.

O PensArteCorpo produz o si como uma vivência, uma sabedoria de vida, uma experiência singular relativa à unicidade *corpo-energia-mente* e, ao mesmo tempo, desvela o valor da unidade aberta que a arte propicia como potência de invenção para a liberdade.

A arte se configura como uma oportunidade em que o homem se inventa e, a cada instante, persevera e se torna presente no perene.

5 Considerações finais

Por intermédio de uma breve narrativa foi possível compreender a relevância dos exercícios éticos para o contexto da constituição da subjetividade humana no Ocidente e então problematizar: a quase elisão deles devido ao seu rebaixamento para um plano secundário de invisibilidade e de oblióvio na Modernidade privou o nosso presente cultural de quê?

Sem dúvida, do cerne da formação humana holística. Esta é a resposta sucinta.

Se agora indagarmos sobre a possibilidade de retorno hoje dos exercícios éticos da Antiguidade, a resposta não pode ser anacrônica.

O resgate e a condição necessária só serão efetivos se realizados a partir de referências atuais e não daquelas específicas de outrora.

A atualidade exige um método de imanência radical: conhecer-se não é um ato de divisão de si próprio com a intenção de tornar precisa a descrição e o estudo desta parte separada, “mas permanecer totalmente presente a si mesmo e estar completamente atento às suas próprias capacidades”¹⁶.

Para nós, este exercício é o PensArteCorpo.

Trata-se de uma experiência de si contemporânea que recupera a dimensão original do *Ethos* agregando uma transversalidade integrada de saberes produzida em vários campos como neurociências, física quântica, filosofia da diferença, filosofia budista dentre outros inseridos nas várias linguagens da arte.

Assim, ele produz e projeta um novo valor para o saber inerente à relação entre vida e ética (bioética) no e para o século XXI.

O PensArteCorpo é uma desconstrução, pois rompe com a harmonia do senso comum, desestabilizando as falsas certezas. Ele inventa o abismo que nos cerca para nos fazer capazes do salto para a liberdade por intermédio da vivência educadora, da invenção de si em que se experimenta a vida e se molda a si próprio.

Concluindo, a invenção de si produzida na Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*, sendo herdeira do ‘tornar-se o que se é’, supera o conhecimento de si elaborado pela tradição filosófica como um simples conhecimento cognitivo.

Aqui não se restringe o melhor modo do ser humano ao plano das virtudes da filosofia tradicional ou da teologia moral como um modelo de perfeição a ser seguido, pois se oportuniza e se possibilita um saber rizomático, um sistema aberto de formação humana respeitando a singularidade de cada indivíduo.

¹⁶ Cf. GROS, F. *Idem*, p. 131.